

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado de São Paulo

Class.: 85

Data: 11 de Dezembro de 1987

Pg.: _____

A vulnerabilidade das fronteiras do País

UE 5
11/12 - A3

Bom fundamento havia para a afirmação, feita nestas Notas no início do mês, de que o coronel Carlos Carreño saíra do Brasil depressa demais, sem dar tempo a que se esclarecessem pormenores e pormenores de seu aprisionamento e de sua soltura no País. Seria preciso que ele fosse interrogado demoradamente sobre a etapa brasileira de seu seqüestro. Agora, o diretor-geral da Polícia Federal afirma que as investigações sobre a libertação do militar chileno "continuam envoltas em clima de mistério". E o desenvolvimento delas percorrerá trâmites burocráticos que só se cumprirão a partir de ofício encaminhado ao Consulado Geral do Chile em São Paulo, a fim de obter da polícia do país andino dados sobre as circunstâncias da entrada do coronel no Brasil, sobre o tempo em que permaneceu aqui, sobre as pessoas com as quais manteve contato etc. E se as informações solicitadas não forem suficientes para que vá adiante o inquérito instaurado, um delegado brasileiro rumará a Santiago. Depois, chegará a vez do Itamaraty... Enfim, perde-se tempo, agora, quando se poderia ter trabalhado a contento para ganhar tempo, antes.

Graves, ligadas ao assunto seqüestro-guerrilha, são as notícias divulgadas na edição de ontem, focalizando a articulação da luta armada na fronteira do País. É preciso lem-

brar que o Brasil faz divisa com dez países vizinhos, alguns deles acometidos dos males decorrentes de situação política instável, tornada mais cheia de problemas pela existência de guerrilha ativa, à qual se junta a atividade de organizações clandestinas que constituem rede de narcóticos, havendo dados concretos de que o narcotráfico está de mãos dadas com a guerrilha. Ora, este país é atualmente importante para o narcotráfico: converteu-se em grande exportador de cocaína, sabido que a matéria-prima é aqui beneficiada e enviada ao Exterior em grandes partidas.

Os textos de ontem são altamente preocupantes na medida em que neles se veicula a denúncia do uso de armamento brasileiro pelos movimentos guerrilheiros sul-americanos. O Sendero Luminoso tem predileção pela metralhadora Uru MI; o M-19, colombiano, dispõe dessa arma — considerada a sucessora da UZI israelense. Diga-se que copioso material bélico de fabricação nacional já foi apreendido a caminho da Guiana. Macapá é um centro visado de negócios com carabinas de caça, fuzis de repetição e *trottil* industrial, explosivo usado em cargas de engenharia de demolição — e em bombas. Não é estranho que, enquanto tudo isso acontece, setores da Igreja ligados ao Cimi manifestem sua contrarieda-

de com o patrulhamento, pelo Exército, pela Marinha e pela Aeronáutica, de fronteiras que se pretende defender com utilidade graças à implantação do projeto Calha Norte? Afinal, trata-se de limites territoriais cuja fragilidade salta aos olhos, quando se sabe como vem evoluindo a ação guerrilheira, rondando o País para agredi-lo onde está desguarnecido, no momento que for escolhido pela subversão.

Na matéria que dá ensejo a esta nota se fala de organizações brasileiras que operam para entregar armas a grupos que atuam nos países mais próximos mas buscam refúgio dentro do território nacional. É evidente que, a qualquer momento, tais grupos se poderão fixar nele e, de mãos dadas com gente daqui, treinada alhures, açometer contra as forças incumbidas da defesa do País e da preservação da ordem. O adiestramento de guerrilheiros para a América do Sul, de acordo com documento que se encontra no Conselho de Segurança Nacional, não obedece mais ao modelo clássico criado nos anos 60; foi reformulado agora por especialistas palestinos, cubanos e líbios. Uma escola de treinamento, com ciclo de 120 dias, funciona em Manágua; por ela já passaram muitos brasileiros, que aprenderam a manipular explosivos, armas variadas e equipamento eletrônico. De lá saíram eles diplomados em técnicas de

propaganda, espionagem, contra-espionagem, e em combates corpo-a-corpo, sintetizados pelo Exército Vermelho japonês. Há mesmo terroristas formados em ataques a aeroportos!

Tudo isso exhibe a extrema vulnerabilidade do Brasil à ação cruenta de um inimigo perigosíssimo, preparado para tirar partido da traição e vantagem da iniciativa, valorizando-se pelas táticas que emprega, aptas a transformar um homem em peça mais importante do que um batalhão superiormente armado e numeroso. Pois, na guerrilha, um punhado de celerados ou fanáticos vale mais do que grossos contingentes militares regulares. Em toda parte já se demonstrou que, com armamento adequado, tropas de elite, tendo a seu lado o fator surpresa, podem destruir e matar com resultados devastadores. Some-se a isso a vulnerabilidade mencionada e se verá como o Brasil, enquanto luta para instalar uma democracia, tem de acautelar-se contra as surtidas de extremistas empenhados em abalar a ordem e promover sob a necessidade de contê-los, o retorno ao arbítrio — a fim de que suprimida a ordem jurídica, possam eles lutar contra a exceção, proclamando-se adeptos da liberdade e da democracia, sem adiantar que se trata da liberdade deles e da democracia deles. Como em Cuba e na Nicarágua.